



LHM

## HISTÓRIA E PENSAMENTO DE UMA AGREMIÇÃO SIMBOLISTA NA CURITIBA DA DÉCADA DE 1890: REFLEXÕES SOBRE O *GRUPO CENÁCULO*

Silvia Gomes Bento de Mello<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) (Fonte Book  
e-mail: silviagbmello@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo trata de um grupo de intelectuais, majoritariamente dedicados à literatura, que se formou em Curitiba, na década de 1890 – contexto de uma euforia modernizadora na capital paranaense. Autodenominado *Cenáculo*, o grupo (formado pelos escritores Dario Vellozo, Silveira Netto, Antonio Braga e Julio Pernetta) é considerado um dos mais importantes núcleos nacionais de constituição e desenvolvimento da estética Simbolista. Ao longo do texto, abordar-se-á, em um primeiro momento, a maneira como o grupo se formou e a natureza dos seus encontros e das trocas intelectuais que realizavam: esta análise realizar-se-á a partir das memórias de Silveira Netto (registradas em um periódico da época) e também embasar-se-á nas reflexões do livro “As afinidades eletivas”, de Johann von Goethe. Na segunda parte do artigo, a discussão versará em torno das identificações do grupo com a estética Simbolista: apontar-se-á algumas aproximações entre o pensamento dos intelectuais paranaenses e dos intelectuais simbolistas franceses (especialmente Charles Baudelaire), bem como certas particularidades que o Simbolismo adquiriu no contexto paranaense. Neste âmbito, ganhará especial ênfase a discussão em torno da compreensão dos membros do *Grupo Cenáculo* a respeito do sentido da arte: ao mesmo tempo em que esta era compreendida na sua esfera de nobreza e transcendência (como é característico do Simbolismo), é associada à civilização e ao progresso (elementos que estavam em grande evidência no Paraná de então).

**Palavras-chave:** Grupo Cenáculo. Simbolismo. Literatura. Modernidade.

### History and thought of a symbolist group in Curitiba in the 1890S: reflections on the *Cenáculo Group*

**Abstract:** This article focuses on a group of intellectuals, mostly dedicated to literature, who graduated in Curitiba, in the 1890s – the context of a modernizing euphoria in the capital of Paraná. Calling itself *Cenáculo*, the group (formed by writers Dario Vellozo, Silveira Netto, Antonio Braga

<sup>1</sup> Doutora em História (UFSC). Professora Associada do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus de Guarapuava. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6123626106261958>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2493-4484>



and Julio Pernetta) is considered one of the most important national centers for the constitution and development of Symbolist aesthetics. This text initially discusses the way in which the group was formed and the nature of their meetings and intellectual exchanges. The analysis is carried out based on the memories of Silveira Netto (recorded in a periodical of the time) and is also based on reflections in the book “Elective Affinities”, by Johann von Goethe. In the second part of the article, the discussion focuses on the group’s identifications with the Symbolist aesthetics. The text indicates some approximations between the thinking of intellectuals from Paraná and French Symbolist intellectuals (especially Charles Baudelaire), as well as certain particularities that Symbolism acquired in the context of Paraná. In particular, special emphasis is placed on the discussion surrounding the understanding of the members of the *Cenáculo* Group regarding the meaning of art: at the same time that it was understood in its sphere of nobility and transcendence (as is characteristic of Symbolism), it was associated with civilization and progress (elements that were highly evident in Paraná at the time).

**Keywords:** *Cenáculo* Group. Symbolism. Literature. Modernity.

## Preâmbulo

Café e livros sobre a mesa. Em torno dela, na cidade de Curitiba, nos idos da década de 1890, quatro homens conversavam calorosamente. Eram eles, Dario Vellozo<sup>2</sup>, Silveira Netto<sup>3</sup>, Antonio Braga<sup>4</sup> e Júlio Pernetta<sup>5</sup>. Uma forte amizade e uma identificação intelectual os unia e fazia com que seus encontros fossem sempre prazerosos e proveitosos, conforme testemunhou oportunamente um deles: “*passávamos horas inteiras manuseando livros, discutindo questões de músculo e de inteligência, estabelecendo planos de trabalho e sonhando*” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 6). Reuniam-se constantemente,

<sup>2</sup> Nascido no Rio de Janeiro (1869), Dario Persio de Castro Vellozo viveu a maior parte da sua vida em Curitiba (mudou-se para a capital paranaense aos 16 anos e lá faleceu aos 67 anos). Bastante identificado e reconhecido no Paraná, foi poeta e escritor (além de ter trabalhado como tipógrafo e como professor): assim, trata-se de alguém que se dedicou largamente à produção, criação e difusão intelectual, em várias vertentes. Destacou-se, sobretudo, pelas suas produções de cunho subjetivo, esotérico e Simbolista, a exemplo de suas obras *Cinerário* (coletânea de poemas escritos entre 1892 e 1929), *Efêmeras*, *Esquifes* e a publicação em diversas revistas tanto de orientação poético-literárias, quanto místico-filosóficas.

<sup>3</sup> Nascido em Morretes em 1872, Manoel Azevedo da Silveira Netto muda-se para Curitiba ainda criança (aos 7 anos), com a família. Frequentou a *Escola de Artes e Indústrias do Paraná* na juventude, já que antes de se interessar pelas letras, já manifestava talento para o desenho. Estabeleceu-se como poeta, profissão na qual experimentou sucesso e reconhecimento, sobretudo a partir da publicação de *Luar de Hinverno* (livro de poemas Simbolistas), em 1900. Morou parte da sua vida adulta no Rio de Janeiro (a capital federal tinha muitos apelos à vida intelectual), onde falece em 1942. Teve, contudo, um profundo vínculo com a vida literária paranaense: lá se deu a maior parte da sua produção escrita, bem como seu trabalho na imprensa (como fundador, redator, ilustrador ou chargista de periódicos); para lá, enviou artigos para serem publicados até o final da vida; nutria profícuas amizades com intelectuais vinculados ao Paraná.

<sup>4</sup> Nascido em Curitiba em 1874, Antonio Braga foi um poeta mais identificado ao Parnasianismo. Dentre os membros do grupo *Cenáculo*, é o que se tornou menos conhecido, talvez por ter tido uma carreira curta nas letras. De qualquer forma, colaborou (através de seus escritos) com diversas publicações paranaenses (tais como as revistas: *Clube Curitibano*, *O Futuro*, *Azul*, *O Cenáculo*). Ainda jovem, mudou-se para São Paulo, a fim de estudar na Faculdade de Direito.

<sup>5</sup> O curitibano Júlio Davi Pernetta (nascido em 1869) é irmão de um dos mais eminentes literatos paranaenses de sua geração: Emiliano Pernetta (1866-1921), destacado poeta simbolista que lhe influenciou em seu encaminhamento para vida intelectual. Contudo, Júlio foi, de sobremaneira, um homem da imprensa, tendo sua carreira largamente atrelada ao jornalismo – aliás, ele mesmo esteve envolvido com a publicação de inúmeros periódicos: fundação, editoração e escrita de textos. Em periódicos paranaenses, publicou tanto textos de cunho literário, quanto textos de cunho mais opinativos e filosóficos. Viveu toda a sua vida em Curitiba, lá falecendo em 1921.



sempre no mesmo lugar: no porão da casa de Dario Vellozo, onde se alojava também a vasta biblioteca desse escritor. O gabinete subterrâneo, repleto de livros, mostrou-se como o lugar ideal para abrigar as reuniões daquele grupo de amigos, que se autodenominara *Cenáculo*. O conforto e a privacidade do lugar, a disponibilidade de exemplares ao alcance das mãos promovia um ambiente fecundo para se discutir e produzir arte, conforme era o propósito daqueles cenaculistas.

O objetivo deste artigo é nos aproximarmos destes intelectuais paranaenses, que tiveram na literatura uma forma capital de expressão e, assim, entender a maneira pela qual se constituíram enquanto grupo e como defenderam que as manifestações artísticas (a literatura, em especial) seriam vitais para o progresso de um povo e para a manutenção de suas memórias. Ressalta-se que tal defesa se realizava tomando por mote a realidade paranaense: assim, em um contexto de um país recém republicano (no qual a modernidade era um anseio), observa-se que, nos estados brasileiros, também se configuravam movimentos para fixar identidades regionais modernas. Tratava-se de um século XIX cuja tônica era, de fato, de um afã por progresso e modernidade e isto se infiltrava nos mais variados recônditos do mundo ocidental. E a modernidade para aqueles homens consistia, largamente, no enraizamento e no florescimento do campo artístico e intelectual no Paraná. Esta questão, em específico, será discutida na segunda parte deste texto. Na primeira parte, o artigo reconstituirá o histórico de formação do grupo.

### **Afinidades eletivas**

Silveira Netto é quem nos fornece os detalhes sobre a formação do grupo e os pormenores a respeito do desenvolvimento das suas reuniões, em uma série de artigos publicados na revista do *Clube Curitibano*, entre o final do ano de 1894 e o início de 1895. Nesses textos, ele delinea o caráter do *Cenáculo* e os elementos que identificavam seus componentes. O próprio registro da convivência e da intimidade que estabeleceram já sugere o quanto a amizade entre aqueles homens foi significativa, além de permitir pensar a produção do grupo a partir de novas e interessantes abordagens.

Silveira Netto conta que o grupo formou-se paulatinamente: “*Um dia, não sei, quando e nem por que, fui apresentado a um rapaz muito moço, imberbe como eu e como eu míope*” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 1). Tratava-se de Antonio Braga, simpatizante



da lira e do *“plectro generoso de Casimiro de Abreu e de Varella”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 4). O estreitamento das relações entre ambos parecia algo certo, irremediável, devido aos *“sentimentos homogêneos, ainda não acentuados, ainda não bem definidos”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02), despertados logo no princípio da convivência. Uma empatia recíproca estabeleceu progressivamente um forte elo entre eles. Uma afinidade mútua os identificava. Uma afinidade que faz lembrar a mencionada por Goethe em um de seus romances: *“aos corpos que, ao se encontrarem, se prendem ao mesmo instante, um ao outro, e mutuamente se fixam, chamamos afins”* (Goethe, s/d, p. 56). De modo que era apenas uma questão de tempo a partilha de um maior número de vivências e experiências entre os dois.

Mais tarde, Silveira Netto conhece Dario Vellozo, *“outro moço imberbe também, mas não míope, que merecia o nosso respeito pela inteligência que revelava e nobre afincado ao labor dos livros”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02). No entanto, a princípio davam-se apenas por cortesia. Dario era então redator da revista do *Clube Curitibano*<sup>6</sup> e escreveu folhetins em que se referiu a Antonio Braga com uma certa ironia (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02). Então, em um desses *“rudes encontros do acaso”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02), Dario Vellozo e Antonio Braga esbarraram-se na biblioteca do *Clube Curitibano* e protagonizam uma discussão: *“sentados à mesa, em frente um do outro, punhos cerrados, olhares firmes e desafiantes, discutiam a razão e os corolários dos folhetins”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02). Contudo, passando o ímpeto inicial da discussão, as posturas vão se tornando mais brandas, *“a aragem da calma toma o lugar ao tufão da cólera”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02) e enceta-se ali uma profícua amizade, resultado de um fecundo *jogo de polaridades, atrações e repulsões* (Goethe, s/d). As restrições iniciais acabam se revertendo em uma amizade sincera, sobretudo depois que Silveira Netto e Antonio Braga percebem que Dario *“trilhava igual vereda de sonhos e de sentimentos”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 02) que eles. Assim, no dizer de Silveira Netto sobre o estreitamento da amizade entre os três, *“formamos então a tríplice aliança”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 04).

<sup>6</sup> O *Clube Curitibano* é uma instituição fundada em 1881 e ainda em funcionamento. Seu processo de fundação é bastante expressivo do contexto modernizador pelo qual Curitiba passava então: na medida em que a cidade se tornava mais complexa e moderna, constituíam-se espaços de socialização, especialmente para a elite – o *Clube Curitibano* tinha a finalidade de agregar homens da elite curitibana em um ambiente intelectual: lá, reuniam-se para conversar (especialmente a respeito de questões contemporâneas), organizar palestras ou frequentar a biblioteca. Para saber mais a respeito do *Clube Curitibano*, ver: Carvalho e Batista, 2022.



A entrada de Júlio Pernetta no grupo deu-se, sobretudo, pela aproximação que este já tinha com Dario Vellozo, que era, inclusive, frequentador da casa deste poeta. Segundo Silveira Netto: “*Pernetta há muito que privava intimamente com o Dario, eram amigos velhos; tinha relações amistosas com o Braga e eu o conhecia cerimoniosamente*” (Silveira Netto. Revista do Clube Curitibano, n. 05, p. 02). Estava, dessa forma, formado o grupo *Cenáculo*, que marcou o cenário intelectual e cultural curitibano da última década do século XIX. Os quatro amigos foram responsáveis pela publicação de diversos artigos em periódicos locais, além de terem fundado uma revista própria, denominada *O Cenáculo*, que circulou em Curitiba entre 1895 e 1897. Quando a revista surgiu, por ocasião do afastamento de Antonio Braga do grupo – que seguia para São Paulo a fim de estudar na Faculdade de Direito – o grupo, que se formara em 1893, já estava consolidado.

As frequentes reuniões, no subterrâneo da casa de Dario Vellozo, foram essenciais para a constituição do caráter do grupo e o ajuste das afinidades e diferenças entre aqueles homens, que *não tinham relações consanguíneas, mas eram espiritualmente parentes pela alma* (Goethe, s/d, p. 57). Uma afinidade especial os unia e, como o próprio nome do grupo propunha, ideias e objetivos comuns eram os elementos que sedimentavam a amizade que nutriam entre si e davam coesão às reuniões que, conforme mencionou Silveira Netto, constituía uma verdadeira *celebração das letras* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 19, s/p). Inspirado na leitura do romance *Au Maroc*, de Pierre Loti, Silveira Netto faz uma digressão nos seus escritos sobre a maneira como se constituiu o *Grupo Cenáculo*, para refletir sobre o valor e a raridade de se encontrar amizades verdadeiras. E, a partir do pensamento do escritor francês, defende: “*existe a amizade intelectual; esta irmanisa [...] os corações, porque ela se firma na Arte e a Arte não mente*” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 04, p. 06). O cenaculista apontava, desta forma, não apenas a natureza da amizade que unia os quatro homens, como fundamentava a importância das artes para eles. De fato, as reflexões sobre arte são capitais para o grupo.

A amizade, tão rapidamente sedimentada, foi efetivada pela identificação e respeito intelectual que tinham entre si, consolidada pela convivência, pelas discussões e leituras tanto das suas próprias produções como de textos de interesse comum. No entanto, conforme Silveira Netto: “*a ideia que resultou para nós labutar da palavra escrita e falada não representa somente a amizade intelectual, mas a afinidade de vistas e de sentimentos*” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 04, p. 06). Assim, os unia também a partilha de



momentos agradáveis, de descontração e riso, que poderiam contar com as anedotas de Julio Pernetta – “*onde ele se encontra a anedota e a gargalhada franca predominam*” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 05, p. 01) –, com os retratos feitos a lápis ou à pena por Silveira Netto, bem como com Dario tocando flauta ou Antonio Braga dedilhando o piano. Esse ambiente de coleguismo, marcado pela predisposição a estar juntos, compartilhar experiências, conhecimentos e afetos, em muito lembra um tipo de relação *elevada*, a qual Goethe chama de *afinidade eletiva*:

Nesse desprendimento e nessa atração, nessa figura e nessa busca, julgamos ver, em verdade, uma determinação mais elevada; conferimos a esses seres uma espécie de vontade e preferência, e assim se justifica completamente o termo ‘afinidades eletivas’ (Goethe, s/d, p. 59).

O porão da casa de Dario Vellozo – onde os cenaculistas exercitavam a sua arte e estreitavam cada vez mais as relações – chegou, em certos períodos, a recebê-los em visitas diárias (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 05, p. 07). O porão era um lugar de partilha<sup>7</sup>, um lugar onde se dividia experiências e se agregava e se construía conhecimentos. Nas palavras de Silveira Netto:

Ali aspirávamos o ar de uma vida superior, na independência de espírito e de caráter, genuflexionando extasiado resoluto o nosso esforço ao gênio e ao trabalho, contidos em tantas páginas que nos rodeavam (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 03)

Logo à entrada do cômodo, o visitante era prevenido com a seguinte inscrição: “*Vós que entrais deixais fora o burguesismo*” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 18, p. 07), à inspiração da inscrição da porta do inferno de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, onde lia-se: “*Vós que entrais, deixais toda a esperança*”. Assim, com a frase pregada sobre a porta, os cenaculistas indicavam que, da mesma forma que para se adentrar no inferno dantesco, era necessário deixar algo para traz. No caso do porão de Dario Vellozo – chamado de Karoim pelos cenaculistas – o que se requeria era o abandono de visões estreitas e a falta de inclinação para as coisas de arte e cultura, associadas, naquele contexto, ao burguês. O ambiente exigia certos despojamentos, ou melhor, as discussões que interessavam àqueles

---

<sup>7</sup> O termo *partilha* está sendo empregado no sentido atribuído por Jacques Rancière, para quem *partilha* tanto se refere a dividir, quanto a juntar, agregar: “*Partilha significa duas coisas: a participação em um comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões*” (Rancière, 2005, p. 7).



homens fazer – que implicava em produção intelectual e literária – demandava a disponibilidade de se despojar de certos *vícios* para se obter a abertura e a leveza que são necessárias para a constituição de algo novo.

### A arte no pensamento cenaculista

Uma preocupação perpassou os trabalhos dos cenaculistas: contribuir para a constituição e o fortalecimento das artes no Paraná. Em última instância, isto era uma maneira de fortalecer o jovem estado. Assim, as artes em geral – e a literatura, em particular – eram entendidas como fundamentais em um contexto em que constituir um Paraná moderno se mostrava como um anseio político fundamental, o que se materializava especialmente em sua capital (cidade onde viviam os cenaculistas e que se modernizava rapidamente). A respeito disso, Silveira Netto argumentava:

Curitiba dispõe de elementos por demais satisfatórios é, portanto, necessário aproveitá-los, ampliando-os, difundindo-os, criando com eles forças novas que agitem as robustas artérias do nosso Estado (Silveira Netto, Revista O Cenáculo, Tomo I, p. 25).

Naquele contexto, é preciso lembrar, Curitiba havia sido conectada com o litoral através de uma via férrea – a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba – não havia muito (em 1885) e este evento contribuía significativamente para que a cidade se expandisse com o fluxo crescente de mercadorias, novidades e forasteiros (sobre esta questão, ver: Mello, 2005). Neste cenário de modernização, os meios de constituição e difusão das ideias, tais como agremiações intelectuais (a exemplo do *Grupo Cenáculo*), tipografias, publicações e livrarias eram elementos fundamentais. A modernidade perpassava, de fato, a inteligência: ou seja, o desenvolvimento dos meios intelectuais é um elemento constituinte de tal processo de modernização. E, mais uma vez, Silveira Netto se pronuncia: desta vez, para pontuar a relevância da revista produzida pelos cenaculistas neste contexto. Assim,

o Cenáculo impõe a si e aos homens do Paraná a escabrosidade honrosa de um dever, o dever de alentar o movimento artístico e científico que se vai operando e que constitui o esplêndido marco de nosso progresso (Silveira Netto, Revista O Cenáculo, Tomo I, p. 25).



A passagem evidencia o quanto o desenvolvimento das artes e das ciências ganhava contornos de progresso, caracterizando, mais uma vez, como a modernidade que se constituía neste contexto alicerçava-se, largamente, no desenvolvimento dos meios intelectuais. Neste período, observa-se, em Curitiba, um fortalecimento dos meios tipográficos, uma significativa proliferação de novas publicações no Paraná (livros, jornais e revistas) e o surgimento de agremiações de sujeitos interessados em constituir ambientes de partilhas intelectuais (sobre esta questão, ver: Mello, 2008). É interessante observar como o *Grupo Cenáculo* e a revista homônima que criaram, bem como o *Clube Curitibano* e a publicação que mantinham (da qual Dario Vellozo era editor) são elementos bastante enraizados/constitutivos desse processo. De fato, os cenaculistas vinculavam-se a um contexto de modernização literária, estética e artística que se entrelaçava com um ambiente mais amplo de modernização – uma simbiose que fundamenta a concepção de que nada mais moderno do que o desenvolvimento intelectual e artístico. Assim, é dessa maneira que, no projeto de um Paraná moderno, era imprescindível o estabelecimento e o fortalecimento de meios em que as produções artísticas e intelectuais se fizessem presentes.

Em se tratando do *Grupo Cenáculo* em particular, constituíam uma agremiação vinculada ao Simbolismo, uma estética que, por si só, carrega elementos de um debate moderno: originário em um contexto vanguardista francês de fins do século XIX, o Simbolismo foi um movimento que propunha novidades e rupturas. O Simbolismo representou, no contexto de seu surgimento, uma modernidade estética – tanto em Paris, quanto em Curitiba. Poetas franceses – Charles Baudelaire (1821-1867), Stéphane Mallarmé (1842-1898), Paul Verlaine (1844-1896), Arthur Rimbaud (1854-1891) – reagiam ao otimismo em relação ao progresso e criticavam o cientificismo e o empirismo, em voga no contexto em que estavam inseridos. A arte desses poetas expressava insatisfação e angústia diante da decadência, da exclusão e da miséria que se instauravam nas sociedades industrializadas de então. Dessa forma, contrapunham-se aos cânones cientificistas e empiristas, constituindo uma arte de cunho intimista, que valorizava o ser humano e a sua subjetividade.

Os poetas que se identificavam com esta tendência buscavam conferir a sua arte elementos que expressassem o caos que os cercava, compondo referências que comportassem suas angústias e questionamentos. Para tanto, produziam uma arte comprometida com a transcendência e a metafísica, que ascendesse às questões mundanas e materiais: era necessário dar visibilidade à interioridade humana, aos simbolismos, ao



primado existencialista. Diante de um mundo caótico em que os valores e as referências se mostravam fugazes e transitórios, almejavam valores absolutos (que transcendessem as contingências mundanas), tais como o *Bem*, o *Belo*, o *Sagrado*, o *Verdadeiro*. Propunham uma reflexão a respeito do homem e da vida que se diferenciasse do caráter otimista dominante, defendido pela ciência e pelos partidários da modernidade. Investiam em uma arte autônoma e cosmopolita, livre do capitalismo e do utilitarismo que reduzia tudo à mercadoria.

Estes elementos também marcam o universo dos simbolistas paranaenses: suas produções intelectuais são marcadamente angustiadas, introspectivas, centradas em reflexões existencialistas e, frequentemente, pessimistas. São escritas que marcam uma certa aversão aos aspectos mais mundanos da vida e expressam, por vezes, uma angústia em relação à modernidade. Em se tratando do *Grupo Cenáculo*, a tabuleta pregada na porta do cômodo do porão da casa de Dario Vellozo – lugar no qual os cenaculistas se reuniam – é uma expressão de tais questões: lembremos que nela, lia-se “*Vós que entrais, deixais fora o burguesismo*” (Silveira Netto, *Revista do Clube Curitibano*, n. 18, p. 07). A aversão ao que se refere ao burguês e, ao mesmo tempo, a fuga para instâncias transcendentais é bem característica do Simbolismo. Cassiana Lacerda Carollo menciona que o axioma “*Burguês e Real, eis lá os inimigos!*” (Carollo, 1996, p. XIV) bem sintetiza a postura Simbolista. Afinal, é marcante no pensamento de Charles Baudelaire – figura ícone do movimento – a compreensão de que se vivia um momento em que tudo se tornava mercadoria, inclusive o fazer do artista. O famoso poema baudelaireano “*A perda do halo*” evidencia isso. Assim, “*o halo representa isto: o sagrado na arte. Não só Baudelaire, mas muitos de sua época viam a arte e o artista como algo puro. O que cai é o sagrado*” (Meneses, 2013, p. 84).

Concepção semelhante pode ser encontrada no texto “*Da obra de arte: burguesismos e artistas*”, de autoria de Dario Vellozo e publicado na *Revista do Clube Curitibano*. Nele, o escritor atesta a sua vinculação intelectual a Charles Baudelaire fundamentando, justamente, o divórcio entre burgueses e artistas, tal como observa-se nas passagens a seguir:

A arte resvalou do pedestal augusto, e se veio humanizar, entre os homens na contemplação aviltante da ignorância pretenciosa (Vellozo, *Revista do Clube Curitibano*, n. 12, p. 181).



O burguês é o parasita social: vive do gênio dos homens superiores e do insano labor das classes operárias; explora o intelectual que concebe e o proletariado que realiza (Vellozo, Revista do Clube Curitibano, n. 12, p. 181).

O reino do Artista não é, por certo, o reino desde mundo, que pertence principalmente ao burguês. O artista começa onde o burguês termina: para o burguês a existência se extingue com a morte; para o artista começa com a morte a vida inefável (Vellozo, Revista do Clube Curitibano, n. 12, p. 181).

A matriz Simbolista – baudelairiana, sobremaneira – de tal pensamento é evidente. Dario Vellozo provavelmente seja, dentre os intelectuais que compunham o *Grupo Cenáculo*, aquele que mais profundamente *mergulhou* na estética Simbolista – de modo que seus projetos e suas produções intelectuais carregam, de fato, traços muito marcantes dessa influência. Mais do que isso, podemos considerar que este intelectual curitibano tenha contribuído, com suas obras, para o delineamento do caráter e das características do movimento no contexto paranaense e, até mesmo, nacional. Com efeito, o *Grupo Cenáculo* é tido como um dos mais importantes focos de introdução e desenvolvimento do Simbolismo no Brasil e a revista que editaram é considerada uma das mais relevantes publicações brasileiras desta tendência. Sobre a expressividade de tal publicação, José Brito Broca observa que “a revista [O Cenáculo] que encontrou receptividade em todo o país, atraiu também a colaboração estrangeira, como a de Ivan Gilkim e Philéas Lebesgue” (Broca, 1975, p. 133). E Machado Neto acrescenta: “os simbolistas paranaenses colaboraram não somente na imprensa do Rio e de São Paulo, como também em jornais e revistas portuguesas [...] e ainda aparecem em revistas francesas e italianas” (Machado Neto *apud* Bega, 2001).

Desta forma, evidencia-se o trânsito dos cenaculistas com intelectuais de outros espaços geográficos. O Simbolismo era, de fato, uma tendência literária que propiciava essas aproximações entre intelectuais de localidades e, até mesmo, de nações diferentes: uniam-se todos em torno das questões que diziam respeito à existência humana, para além de nacionalidades. Da mesma maneira, os simbolistas se organizavam, comumente, em pequenos grupos, formando espécies de irmandades, dado a tendência que tinham de ligarem-se afetivamente, através de relações de admiração, respeito e carinho que extrapolavam, inclusive, os interesses comuns que tinham pela literatura. Tendiam, assim, ao universalismo, à subjetividade, à metafísica, às relações e reflexões intimistas. Se é possível identificar a presença de todos esses elementos, propriamente simbolistas, no *Grupo*



*Cenáculo*, é curioso que tal corrente literária tenha se desenvolvido em um contexto paranaense de flagrante modernização e otimismo em relação ao progresso.

Assim, é interessante – e paradoxal – que uma estética que tenha se originado, no contexto europeu, da constatação dos limites da modernidade, possa ter florescido também em um contexto paranaense associada à positividade da modernidade. Salienta-se que, críticos como Silvio Romero e José Veríssimo, enxergaram no Simbolismo brasileiro um movimento de exportação, alegando a falta de ambiente propício para o desenvolvimento desta estética em solo nacional (ver: Bosi, 1975, p. 133): o desencantamento pela modernidade, que teria motivado o movimento na França, ainda não estaria amadurecido para gerá-lo em solo nacional. Em pesquisa que fiz anteriormente, apontei controvérsias dessa afirmação, especialmente a partir do contexto paranaense, em que o desenvolvimento do Simbolismo não deixou de ser afetado por decepções e desencantos em relação à modernidade (ver: Mello, 2016; Mello, 2018). Contudo, certamente o Simbolismo é gestado no Paraná atravessado por um contexto de modernização – predominantemente, tomado como algo positivo e desejável. E o *Grupo Cenáculo* não esteve alheio a isso. O que é interessante é a maneira como os preceitos Simbolistas foram absorvidos pelos intelectuais paranaenses e se moldaram, de maneira muito particular, em contexto flagrantemente atravessado pelos ideais de civilização, progresso, modernidade.

Questão essencial, neste âmbito, é a reflexão, por parte dos Simbolistas paranaenses, a respeito das artes – da literatura, de modo especial – e de como o seu desenvolvimento seria fundamental para a constituição de um Paraná próspero, moderno, civilizado. É mister lembrar que a arte tinha um sentido nobre no debate do movimento Simbolista: transcenderia o mundo material e capitalista, tendo uma aura especial. A arte estaria, assim, dentre o que haveria de mais puro, elevado, sublime na existência humana e assim deveria ser preservada, frente a um mundo que se mostrava cada vez mais mesquinho e desagregador. Tal aspecto tão fundamental na estética simbolista se fez também presente no pensamento dos membros de *O Cenáculo*. Assim, Silveira Netto, a respeito dos eventos que envolviam o grupo, pondera: “em cada palestra, em cada conferência de ensaios literários que fazíamos, toda a verdade santa de nossas dores e alegrias vinha à tona em modestas conchas de Arte” (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 04, p. 06). A arte era, dessa forma, o lugar da beleza, da verdade e da externalização de nobres sentimentos, como a dor e a alegria. Lugar, portanto, da subjetividade.



Nos escritos de Silveira Netto sobre a formação do grupo pululam referências às artes, indicando o quanto ela era constitutiva daquela irmandade de amigos e matriz para as suas discussões. Recebia estatuto especial por coabitar razão e emoção, matéria e alma: *“a Arte, sendo a mais potente expressão do intelecto humano, é a mais angelical redoma d’onde transparece a castidade de uma alma”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, N.º 04, p. 03). Lugar de onde se poderia externar, ao mesmo tempo, as *verdades* do intelecto e da alma, as artes sedimentariam, como nenhum outro saber, o terreno sobre o qual se estabeleceriam as próprias *verdades* relativas ao Paraná. Esta característica do Simbolismo paranaense nos interessa de sobremaneira: há uma amarração entre a discussão a respeito do sentido transcendente da arte (próprio do Simbolismo) e o progresso e a modernização do estado do Paraná. As artes, de uma maneira especial, foram matéria de um vigoroso investimento do grupo e discutir as suas funções era um importante passo para pensar as possibilidades de se construir um Paraná próspero e civilizado, solidificando-o como uma referência para os tempos vindouros.

A arte teria, neste contexto, uma função iluminadora: como um farol lançaria longe (para o futuro!) aquilo que de melhor haviam produzido os homens de um determinado tempo. Assim, nas palavras do escritor paranaense: *“a Arte pela qual, sublimada até à imortalidade, Homero e Fídias como que ligaram os séculos todos, do passado ao futuro, com o raio de luz do seu gênio”* (Silveira Netto, Revista do Clube Curitibano, n. 19, s/p). Essa era, sem dúvida, uma preocupação que atravessava os cenaculistas, quando tratavam do Paraná: constituir fortes elementos culturais que marcassem o caráter e a força daquele fim de século, para que as gerações futuras reconhecessem a grandeza do Paraná através das produções dos seus antepassados. Assim, percebe-se que os membros do grupo não ficaram imunes aos discursos e projetos de modernidade que marcavam o debate público de então. Predominava, entre eles, a noção de que as artes eram aquilo que ficava, que permanecia, enquanto as demais produções de um tempo tendiam a desaparecer: aquela seria menos passível de ser corroída pelo tempo, a perecer. Nesse sentido, as artes seriam um ingrediente essencial em projetos identitários e modernizadores.

Dario Vellozo refere-se às obras de arte como *flores da imortalidade* (Vellozo, Revista Azul, Tomo I, s/p). E aí reside um dos elementos fundamentais da sua concepção de arte e em torno dos quais ele arregimenta hipóteses e argumentações. Para Dario, estaria aí o sentido e a nobre missão que a arte teria: ser marca de um tempo, imortalizar uma época.



Através de uma série de quatro textos denominados *Pela Literatura*, publicados na *Revista do Clube Curitibano* (uma publicação quinzenal), entre 15 de junho e 31 de julho de 1894, o intelectual circunscreve a importância que atribui às artes de uma maneira geral e à literatura, em particular. Assim:

A Arte, incontestavelmente, em todas as suas manifestações castiças, concorre para a glorificação dos países civilizados. A Literatura, contudo, leva mais longe nas idades o espólio de um povo, e melhor traça e reflete-lhe a característica (Vellozo, *Revista do Clube Curitibano*, n. 09, s/p).

A literatura encerraria, dessa forma, como nenhum outro gênero artístico, a capacidade de resistir às intempéries do tempo, propagando para as gerações futuras o melhor de uma época:

A perversa ambição dos aventureiros e agiotas, e a brutal ignorância demolidora dos medíocres podem completar o bárbaro ativismo inconsciente do tempo, devastando, desconstruindo as muralhas da Arquitetura, da Escultura e da Pintura; **a Literatura, porém, atravessa as derrocadas, caminha com as gerações humanas, perpetuando o passado, reconstituindo-o**, – sofra embora os insultos dos ímpios e dos fanáticos. (Vellozo, *Revista do Clube Curitibano*, n. 09, s/p., grifos meus).

As artes seriam, portanto, o extrato de um tempo, aquilo que resiste, que guarda, que perpetua. O que perenizaria as características de uma época: através dela, tradições, costumes, valores, hábitos de um povo seriam conhecidos pelas gerações futuras. A literatura, no entanto, ganhava ênfase neste contexto, pois ela seria menos susceptível a destruições que outras artes. Além disso, “*a literatura de um povo é o mais delicado termômetro de sua civilização. Por meio dela se reconstrói toda uma fase morta, toda uma época irremediavelmente perdida*” (Vellozo, *Revista do Clube Curitibano*, n. 09, s/p), defende o escritor. A literatura, gênero que arregimentava os cenaculistas, era compreendida como um elemento de progresso, necessário para constituir uma identidade perene de um povo, de uma nação, de uma região. Na medida em que Dario Vellozo e os demais cenaculistas eram escritores e poetas, teriam uma importante missão em relação ao Paraná, a ser realizada a partir do lugar de literatos. Em um contexto em que, especialmente em Curitiba, naqueles albos republicanos, vivia-se um otimismo em relação ao futuro e ansiava-se pela modernização do estado, intelectuais locais, identificados ao Simbolismo, ancoraram no desenvolvimento das artes – da literatura, em especial – a modernidade desejada. E o fizeram, largamente, buscando sentidos e significados para elas, bem como discutindo sua essencialidade e



visceralidade: o que é, por si só, substancialmente, Simbolista. Evidenciando-se, assim, o quão complexo e plural são os movimentos literários.

### Considerações finais

Encontramos, em diversos textos publicados em revistas paranaenses do final do século XIX, a referência ao estabelecimento da arte como uma verdadeira Cruzada. Há uma poética Simbolista em tal concepção. Certamente, ainda há que se alargar os estudos a respeito do desenvolvimento dessa estética no Paraná – e, mais do que isso, da importância do Paraná para o desenvolvimento dela em solo nacional. Em relação ao uso da imagem da Cruzada, ela traz ares de transcendência, de fantasia, de misticismo, conforme podemos observar na passagem de Dario Vellozo: “*Salve! Cavalheiros, que vos vades impávidos e fortes, em defesa de vossa crença! Vão por longes terras, combater monstros, romper lanças pela dama puríssima – D. Arte*” (Vellozo, Revista Azul, Tomo I, p. 25). Artistas, intelectuais, literatos são convocados para a missão de instaurar as artes no Paraná. Mesmo sendo o Simbolismo uma estética universalista, enraizou-se no trabalho dos cenaculistas como um meio de modernizar e civilizar o Paraná; de lhe conferir identidade e substância, em um momento em que tais elementos eram muito valorizados. Nesse sentido, a escrita pessimista Simbolista torna-se um signo de modernidade, da positividade da modernidade paranaense. Esse é, a meu ver, um importante elemento que particulariza o Simbolismo brasileiro, especialmente representado, neste artigo, pelo Paraná. Acredito, contudo, que as estéticas literárias ganham mesmo particularidade na medida em que se difundem e que, para bem compreendê-las, deve-se levar em consideração essa dinâmica. Ou seja, não se trata de tomar o Simbolismo francês como *puro* ou *verdadeiro* e os demais como desvios da manifestação francesa *original*, mas de perceber a riqueza de uma estética literária que foi capaz de ser inventada e reinventada e que dialoga com diferentes realidades. E o Simbolismo é mais plenamente compreendido se visto nesse caleidoscópio, pois essa multiplicidade possibilita uma imagem mais complexa e fascinante do movimento, bem como da modernidade.

### Referências



BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção da identidade regional**. São Paulo: USP, 2001.

BOSI, Alfredo. O Simbolismo. *In: História Concisa da Literatura Brasileira*. 40 ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 261-300.

BROCA, José Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e Simbolismo. *In: Vellozo, Dario. Cinerário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

CARVALHO, Deborah Agulham; BATISTA, Fábio Domingos. **Modernidade Concreta: a ousadia que mudou a história do Clube Curitibano**. Curitiba: Grifo, 2022.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Afinidades Eletivas**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

MELLO, Silvia Gomes Bento de. Trilhos do Progresso: notas sobre a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba. *In: SALOMON, Marlon; ROCHA, Leandro Mendes; SILVA, Joana Fernandes. [org.]. Processos de Territorialização: entre a história e a antropologia*. Goiânia: ed. UCG, 2005, p. 105-118.

MELLO, Silvia Gomes Bento de. **Esses moços dos Paraná...: livre circulação da palavra nos albores da República**. Florianópolis: UFSC, 2008.

MELLO, Silvia Gomes Bento de. Narrativas da modernidade em Rocha Pombo: reflexões sobre uma literatura simbolista. **Organon**, v. 31, p. 375-391, 2016.

MELLO, Silvia Gomes Bento de. Simbolismos e desencantos: Rocha Pombo e a escrita de 'No hospício'. **Revista Água Viva**, Brasília, v. 3, p. 257-275, 2018.

MENEZES, Antonio Marcos de. **Baudelaire e os sujeitos da modernidade**. *In: Albuquerque (Revista de História)*, Campo Grande, MS, V. 5, n. 10, p. 81-98, jul./dez. 2013.

RANICIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental/Ed. 34, 2005.

SILVEIRA NETTO, Manuel Azevedo da. O Cenáculo. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano V, n. 18, 30 nov. 1894.

SILVEIRA NETTO, Manuel Azevedo da. O Cenáculo. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano V, n. 19, 15 dez. 1894.

SILVEIRA NETTO, Manuel Azevedo da. O Cenáculo. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano VI, n. 04, 31 jan. 1895.

SILVEIRA NETTO, Manuel Azevedo da. O Cenáculo. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano VI, n. 05, 28 fev. 1895.

SILVEIRA NETTO, Manuel Azevedo da. O Cenáculo. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano VI, n. 06, 15 mar. 1895.

SILVEIRA NETTO, Manuel Azevedo da. Respingas. **Revista O Cenáculo**. Ano I, tomo I, 1895.



VELLOZO, Dario. Pela Literatura III. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano V, n 09, 15 jul. 1894.

VELLOZO, Dario. Da obra de arte: burguesismo e artistas. **Revista do Clube Curitibano**. Curitiba, ano X, n. 12, dez. 1899.

VELLOZO, Dario. Azul. **Revista Azul**. Curitiba, ano I, tomo I, p. 25. 15 abr. 1900.

VELLOZO, Dario. A Arte. **Revista Azul**. Curitiba, ano I, tomo I, 27 mai. 1900.

